7

**Cultura
de per si
do futebol**

JORGE VASCONCELLOS

RESUMO

A tradição ensaística ao abordar o futebol, ao menos no Brasil, quase sempre sustenta os argumentos atribuindo primazia à matriz sociológica. Neste artigo, distintamente à tradição, ocupamo-nos em propor uma abordagem inerente às práticas e características do esporte mais popular do planeta, aqui identificada pela expressão *de per si*.

Para compreender o futebol pela lente de sua própria natureza, utilizamos fartamente como referência depoimentos de grandes jogadores da história do futebol brasileiro estampados na obra *Recados da Bola – Depoimentos de Doze Mestres do Futebol Brasileiro*, além de trechos de artigos e crônicas de Décio de Almeida Prado, Mario Filho e Nelson Rodrigues.

Dentre todos os depoimentos que compõem *Recados da Bola*, o mais abundantemente utilizado foi o de Valdir Pereira, o Didi, gênio cerebrino que, segundo o jornalista Sérgio Augusto (2004), “parecia uma figura pintada por Modigliani, um cisne negro cheio de manhas e truques”.

Palavras-chave: cultura do futebol, sociologia, *de per si*, depoimentos, *Recados da Bola*, Didi, Copa do Mundo.

ABSTRACT

The essay tradition dealing with football, at least in Brazil, has almost always given foremost importance to the sociological matrix, in which it has grounded its arguments. In this article, differently from the tradition, we propose an approach inherent to the practices and characteristics of the most popular sport on the planet, here identified by the expression “per se”. In order to understand football from the viewpoint of its own nature, to serve as our reference we made an extensive use of the testimonials of great players from the history of Brazilian football featured in the book Recados da Bola – Depoimentos de Doze Mestres do Futebol Brasileiro [Ball Messages – Testimonials of Twelve Brazilian Football Masters], and also of excerpts of articles and chronicles by Décio de Almeida Prado, Mario Filho and Nelson Rodrigues. Among all testimonials making up Recados da Bola, the one we used the most was the one by Valdir Pereira, known as Didi, cerebral genius who, according to the journalist Sérgio Augusto (2004), “looked like a figure painted by Modigliani, a black swan full of artfulness and tricks”.

Keywords: football culture, sociology, *per se*, testimonials, *Recados da Bola*, Didi, World Cup.

A

ideia central deste artigo pode ser entendida, pelo menos parcialmente, com o auxílio da surpreendente imagem elaborada pelo escritor Pedro Nava em entrevista ao programa *Vox Populi*, da TV Cul-

tura de São Paulo, na década de 1980. Na ocasião, Nava associou a experiência acumulada aos faróis acesos de um carro, tendo suas luzes direcionadas em sentido contrário à expansão previsível e esperada, para a frente; ou seja, na imagem eloquente que criou, a experiência ilumina “apenas” o interior do automóvel, tomado, nesse caso, pela história peculiar e individualizada de cada um. A frase inteira do autor de *Bau de Ossos* é esta: “A experiência é um farol de carro voltado para trás”.

Como faróis externos iluminando o interior do “veículo”, pretende-se aqui tratar do futebol em âmbito específico. No limite, quer-se referenciar o futebol nas suas particularidades, vocalizá-lo endogenamente nas palavras de seus protagonistas ou de apreciadores refinados, solidamente instruídos quanto ao repertório do campo de jogo e daqueles outros elementos consignados fora das chamadas quatro linhas, além de percepções declaradamente subjetivas.

“Os jogadores de alta técnica atuam de preferência no meio-de-campo”, escreveu o mais que refinado professor de história do teatro Décio de Almeida Prado (1989, p. 21) nesta mesma *Revista USP*, em 1989, no

artigo “Tempo (e Espaço) no Futebol”. Algumas linhas adiante, desferiu o tirambaço indesmentível:

“A visão de jogo, a capacidade de enxergar o campo em sua totalidade, são os seus requisitos essenciais. Além de lidar bem com a bola, eles têm de pensar por toda a equipe. Mas contam para isso com espaço e tempo” (Prado, 1989, p. 21).

A natureza deste texto foge, propositadamente, da consensualidade em abordar o futebol nutrindo-se de matriz sociológica, qualquer que seja a característica da abordagem propriamente dita ou do perfil ideológico dos autores. Para exemplificar a natureza dessa matriz, algumas citações, a seguir, permitem situá-la com alguma precisão.

Em seu livro *Veneno Remédio*, José Miguel Wisnik (2008, p. 33) considera que

“Os estudos sociológicos sobre futebol que leio batem quase sempre na mesma tecla dos conflitos sociais que fazem do jogo a sua maneira de expressão – como se o jogo fosse antes de mais nada um instrumento da necessidade de manifestar os choques sociais, quase que a sua alegoria. Esses conflitos sociais estão e estavam lá, naquela São Vicente, assim como os estudos sociológicos não sabem viver sem eles”.

JORGE VASCONCELLOS é jornalista e radialista.

ACERVO UH/FOLHAPRESS

Mané Garrincha durante
treino da seleção
brasileira de 62

Wisnik (2008, p. 17), na mesma obra, escreve que

“Eric Hobsbawm observou, recentemente, que ‘o futebol carrega o conflito essencial da globalização’, suportando de maneira paradoxal, talvez como nenhuma outra instância, a dialética entre as entidades transnacionais, seus empreendimentos globais e a fidelidade local dos torcedores para com uma equipe. A globalização consegue depauperar os campeonatos locais em países periféricos onde eles sempre foram fortes, como os do Brasil e da Argentina, e não consegue extinguir, até aqui, a forte demanda da representação nacional contra a sua descaracterização globalizada”.

Outras menções ao pensamento de Hobsbawm acerca do futebol estão no *Blog do Raul Milliet Filho*, nesse caso, reportando-se ao livro *A Era dos Extremos* do historiador inglês falecido em 2012.

“Para Hobsbawm, o futebol bem praticado não era apenas um esporte. Era arte e paixão popular, ou culto proletário de massa. [...] ‘O futebol como esporte proletário de massa – quase uma religião leiga – foi produto da década de 1880, embora os jornais do norte já ao final da década de 1870 houvessem começado a observar que os resultados de jogos de futebol, que eles publicavam somente para preencher espaço, estavam na verdade atraindo leitores. O jogo foi profissionalizado em meados da década de 1880...’” (Milliet Filho, 2012a).

Raul Milliet Filho (2012b) destaca que em outra obra,

“*A Invenção das Tradições* (escrito com Terence Ranger), o futebol é identificado como uma entre muitas formas de expressão e símbolo da nacionalidade, como mais um modo de coesão necessário à nação moderna. Discorrendo sobre as décadas de 1880 e 1890 na Inglaterra, Hobsbawm reafirma a importância do tema:

‘Pela história das finais do campeonato britânico de futebol podem-se obter dados sobre o desenvolvimento de uma cultura urbana operária que não se conseguiriam através de fontes mais convencionais’”.

A abertura do trabalho do doutor em sociologia pela Universidade de Brasília, professor Aldo Antonio de Azevedo (2003), com o título “Cultura, Ideologias e Tradições: Cenários da Cultura do Futebol no Brasil”, assevera:

“Na gênese de qualquer fenômeno social, em especial, no que se refere à relação futebol brasileiro *versus* cultura, acredita-se ser importante, antes, uma compreensão do termo cultura. Este deve ultrapassar a noção imediata de acervo ou de uma estrutura evolucionista, muitas vezes, estática e imutável; composta por um conjunto de valores, crenças e comportamentos de um determinado grupo social a partir de suas necessidades biológicas, para se posicionar como um objeto de estudo sociodinâmico. A cultura, então, se desenvolve à base de um modo de produção de bens materiais e simbólicos, historicamente determinado, resultando em um conjunto de regras que orienta e dá significado às práticas e à visão de mundo de um determinado grupo social; ou, teias de significados elaboradas pelo próprio homem e sobre as quais busca explicações e interpretações do mundo, como entendeu Geertz (1989).

É, por assim dizer, uma espécie de código compartilhado pelo grupo. Isso pressupõe, em verdade, uma visão dialética, na medida em que os significados não são apenas reproduzidos, mas construídos, seja por meio de palavras, gestos, seja por qualquer forma simbólica, mensagens ideológicas e tradições, as quais são usadas para compor a experiência humana, permanecer em circulação e em uso corrente na comunidade, no mercado, na empresa, na família e, também, no cenário do futebol”.

D **EPERSI** Logo no início do ano de 1994, recebemos, eu e o jornalista Claudiney Ferreira, a oferta de produzir e apresentar uma série de programas radiofônicos que, primordialmente, aludisse ao centenário da introdução do futebol no Brasil (1894). A proposta veio da BBC de Londres, instituição para a qual distribuíamos programas produzidos pelo Serviço Brasileiro para emissoras de todo o país, via satélite.

Ato contínuo, a série foi formatada em dez programas, com cerca de 8 minutos cada um, gravados em fitas cassete, que seriam acondicionadas em estojo apropriado à sua guarda e manuseio. A série recebeu o título “Brasil: Um Século de Futebol”, foi editada nos estúdios londrinos da BBC e obteve excelente receptividade junto às rádios brasileiras, para as quais foi distribuída gratuitamente.

Para este artigo, importa, sobretudo, recuperar a perspectiva que nos norteava no ano que viria a consagrar o Brasil tetracampeão mundial, na Copa jogada nos Estados Unidos: queríamos ressaltar um possível “jeito brasileiro de jogar futebol”, acreditando que suas supostas características distintivas são reconhecíveis em diferentes aspectos.

No início da década seguinte, houve a proposta de transformar a série radiofônica em um livro. Em maio de 2010, ano da Copa do Mundo na África do Sul, foi publicado o volume *Recados da Bola – Depoimentos de Doze Mestres do Futebol Brasileiro* (Vasconcellos, 2010), obra que tive o prazer de organizar, lançada com a chancela da editora Cosac Naify.

Em grande formato, contemplando mais de 160 fotos e marcado por edição de texto e produção gráfica irrepreensíveis, o livro apresenta transcrições de depoimentos dos seguintes jogadores: Barbosa, Domingos da Guia, Jair Rosa Pinto, Zizinho, Ademir Menezes, Djalma Santos, Bellini, Nilton Santos, Zito, Didi, Rivelino e Sócrates. Vale aqui o registro de que a aplaudida concepção editorial de *Recados da Bola* materializou-se com a feição do professor e então diretor da Cosac Naify, Augusto Massi.

Após a publicação desse volume, as ideias que remetiam ao tal modo nativo de praticar o jogo de futebol motivaram outras inquietações, em virtude, fundamentalmente, de o conjunto de declarações dos jogadores aparecer em sequência e na mesma obra.

Ainda que lendo, relendo, ajudando a editar os depoimentos, ou mesmo lembrando-me de cada detalhe das entrevistas veiculadas em “Brasil: Um Século de Futebol”, foi a publicação de *Recados da Bola* que, vigorosamente, “iluminou o carro em forma reversa” e despertou a necessidade de pensar numa possível e ampla cultura do futebol, por muitos já abordada, mas agora, com mais precisão, concebê-la especificamente *de per si*. É por isso que o livro que organizei servirá como principal referência bibliográfica deste trabalho.

DÉCIO DE ALMEIDA PRADO, MARIO FILHO E NELSON RODRIGUES: ESPECTADORES IMORTAIS Observar

o futebol pela perspectiva intramuros, quer dizer, entender as prerrogativas praticamente exclusivas ao jogo de futebol, suas exigências, suas necessidades, preparações atinentes à sua prática, mereceu páginas soberbas, que só espectadores atilados teriam a destreza em discorrer com tamanha desenvoltura e pertinência.

“Agora já é possível descrever a espécie de emoção causada pelo futebol. A da bola ao cesto, o nosso termo de comparação, reside na quantidade de pontos, nas contagens espetaculares, de três dígitos, à altura das ávidas expectativas do público norte-americano. O futebol comporta-se, a esse respeito, com sobriedade britânica. O gol surge aos olhos do público como uma tal conquista que muitos narradores não hesitam em insinuar uma maldisfarçada similaridade com o orgasmo: ‘rompeu-se o véu da noiva’ (obteve-se o primeiro ponto), ‘a gordinha já está na rede’, e outras formas, mais imaginosas ou mais grosseiras, de sugerir sexo implícito. Dentro dessa perspectiva, conclui-se que dois ou três gols por partida já está bem, muito bem, sendo impensável transferir para o terreno amoroso as fabulosas contagens do bola ao cesto. A emoção, menos frequente, é mais intensa. [...]”

Esse é o ritmo próprio do futebol: muitas ameaças, poucos gols. Nas arquibancadas, durante o transcorrer inteiro do jogo, se ele for equilibrado, deseja-se ou teme-se algo que, ao ocorrer, deixa parte do público arrasada, por fora e por dentro, e a outra parte eufórica – há poucos prazeres comparáveis ao de pular e gritar com a multidão, comemorando um gol que passa a ser de todos, por direito de contiguidade emocional”,

escreveu Décio de Almeida Prado (1989, p. 17) no mesmo artigo da *Revista USP*.

As credenciais do jornalista Mario Filho são mais que relevantes. Basta lembrar que seu nome oficializou o “Gigante do Maracanã”, um dos mais importantes templos do futebol mundial. Pela edição de sua obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, lançada originalmente em 1947, resta claro que pode ser considerado o primeiro historiador do futebol no país. Exímio no trato com as palavras, Mario Filho apontou na “Nota ao Leitor” da segunda edição (1964) desse título o grau

de responsabilidade a que os protagonistas do jogo estão submetidos.

“Pouca gente se dá conta do que se exige de um jogador de futebol. Ele tem de representar um clube, uma cidade, um Estado, a Pátria. O que se espera dele é que encarne as melhores virtudes do homem, no caso do brasileiro, as melhores virtudes do homem brasileiro” (Mario Filho, 1994a). Nesse sentido, acrescentaria a quantidade de jogos disputados por um jogador profissional a cada ano, fator que o expõe à prova ininterruptamente.

No caso da crônica “O Saudosista”, publicada originalmente em 13 de outubro de 1956 e incluída por Ruy Castro no volume *O Sapo de Arubinha – Os Anos de Sonho do Futebol Brasileiro*, Mario Filho destaca a contribuição imortal de Leônidas:

“As jogadas que apareciam logo se incorporavam ao patrimônio do futebol, enriquecendo o repertório dos jogadores. A diferença estava no batismo da jogada, que levava o nome de quem a inventara. Já quando Leônidas inventou a *bicicleta*, ninguém se lembrou de chamá-la de Leônidas ou à Leônidas, como mandava a ética dos áureos tempos do amadorismo. A torcida deu-lhe o nome de *bicicleta*, mas nem por isso esqueceu Leônidas. Todo mundo sabia que Leônidas inventara a *bicicleta*” (Mario Filho, 1994b, p. 105).

Irmão de Mario Filho – a quem considerava “o Homero do futebol brasileiro” –, cronista e dramaturgo requintado, ainda que, muitas vezes, seu repertório tenha sido posto em xeque, Nelson Rodrigues foi, muito provavelmente, o mais instigante observador do futebol em seu tempo. Hábil em pespegar apelidos e recorrer a vocabulário e construções que o caracterizaram como autor único, Nelson Rodrigues “interpretou” os jogos a que assistiu considerando – no mais das vezes, em alta conta – o universo particularizado do futebol. Como na crônica “O Triunfo do Homem”, publicada na edição da *Manchete Esportiva* de 5 de julho de 1958, e inserida no volume *À Sombra das Chuteiras Imortais*, lançado em 1993 pela Companhia das Letras, com seleção e notas do mesmo Ruy Castro. Nela, o Homem a que se refere é o jogador eleito o melhor da Copa do Mundo de 1958, Didi. Nessa Copa, o Brasil conquistou seu primeiro triunfo mundial.

“Eu já disse que, no formidável e harmônico esforço do escrete, todos parecem merecer uma glória igual. É

difícilimo destacar este ou aquele. Mas há, no caso de Didi, certas circunstâncias que projetam o craque em alto-relevo. O torcedor estava errado quando o imaginava incapaz de gana, incapaz de garra. Molhou a camisa, derramou até a última gota de suor, matou-se em campo. Quando o rei Gustavo da Suécia veio apertar-lhe a mão, eu imaginei ao ouvir no rádio a descrição da cena: – dois reis! Pois Didi, como sempre tenho dito aqui, lembra um rei ou príncipe etíope de rancho. Com as suas gingas maravilhosas, ele, em pleno jogo, dava a sensação de que lhe pendia do peito não a camisa normal, mas um manto de cetim azul, com barra de arminho” (Rodrigues, 1993, p. 59).

Já na crônica “Freud no Futebol”, publicada em 7 de abril de 1956 na mesma *Manchete Esportiva*, também incluída em *À Sombra das Chuteiras Imortais*, Nelson dá vazão às condições emocionais e subjetivas que regem a prática do futebol.

“De fato, o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu psicanalista. Cuida-se da integridade das canelas, mas ninguém lembra de preservar a saúde interior, o delicadíssimo equilíbrio emocional do jogador. E, no entanto, vamos e venhamos: – já é tempo de atribuir-se ao craque uma alma, que talvez seja precária, talvez perecível, mas que é incontestável.

A torcida, a imprensa e o rádio dão importância a pequeninos e miseráveis acidentes. Por exemplo: – uma reles distensão muscular desencadeia manchetes. Mas nenhum jornal ou locutor jamais se ocuparia de uma dor de cotovelo que viesse acometer um jogador e incapacitá-lo para tirar um vago arremesso lateral. Vejam vocês: há uma briosa e diligente equipe médica, que abrange desde uma coriza ordinaríssima até uma tuberculose bilateral. Só não existe um especialista para resguardar a lancinante fragilidade psíquica dos times. Em consequência, o jogador brasileiro é sempre um pobre ser em crise.

[...]

Eis a verdade: – antes do jogo com os húngaros [Hungria 4 x 2 Brasil, 27/6/1954, em Berna – nota de Ruy Castro], estávamos derrotados emocionalmente. Repito: – fomos derrotados por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas. Por que esse medo de bicho, esse pânico selvagem, por quê? Ninguém saberia dizê-lo.

E não era uma pane individual: – era um afogamento coletivo. Naufragaram, ali, os jogadores, os torcedores,

ACERVO UH/FOLHAPRESS

o chefe da delegação, a delegação, o técnico, o massagista. Nessas ocasiões, falta o principal. Estão a postos os jogadores, o técnico e o massagista. Mas quem ganha e perde as partidas é a alma. Foi a nossa alma que ruiu face à Hungria, foi a nossa alma que ruiu face ao Uruguai [Uruguai 2 x 1 Brasil, 16/7/1950, no Maracanã, por Ruy Castro]” (Rodrigues, 1993, p. 25).

DRIBLE No depoimento de Zizinho – Thomaz Soares da Silva (1921-2002) – que se encontra em *Recados da Bola*, ele afirma à p. 87:

“Quando comecei, jogávamos no 4-2-4, que era terrível. Sempre fui da opinião de que esse esquema é formado por quatro na frente, quatro atrás e dois leões no meio, que levam a bola de uma área a outra. Eu jogava no meio. Dessa forma, eu tinha que driblar para ganhar vantagem na frente. E eu sempre tentava driblar, não importava quem fosse.

O drible que eu mais gostava era meter a bola entre as pernas dos adversários, que depois iam me dar pontapés. Antigamente não havia obstrução. Driblávamos o cara e ele entrava entre você e a bola. Então tínhamos que driblar mesmo, tirar da frente. Se saísse para um dos lados, o jogador entrava no meio e recuperava a bola. Em 1951, participei de uma excursão à Europa. Fui apresentado a um italiano que, diziam, era o melhor jogador do continente. Criaram uma onda de duelo entre a gente. Um jogador importante na Europa: na primeira jogada um dos dois, ou eu ou ele, vai estar acabado, foi o que pensei. Logo no início da partida, recebi a bola, fui pra cima e passei pelo meio das pernas dele. O italiano ficou maluco e começou a querer me dar pontapé. Eu dizia: ‘boxer’?. Não sabia nada da língua dele, mas aquela palavra tinha certeza que entenderia. Ele continuou de cara feia, e aí a coisa ficou fácil: não sabia onde eu ia meter a bola, então fechava as pernas e eu passava pelo lado. Se abrisse, metia novamente no vão das pernas.

Zizinho, com a camisa da seleção brasileira, em fevereiro de 1953

Cheguei a ficar com pena” (Vasconcellos, 2010, p. 87).

No segmento dedicado a Didi – Valdir Pereira (1928-2001) – em *Recados...*, o “príncipe etíope de rancho” dá formulação diversa da de Zizinho:

“Eu não gostava de driblar, porque o drible é uma emergência do futebol. Às vezes, quando não é possível fazer uma tabela ou dar um passe, aí a gente precisa do drible. Quer dizer, o drible é uma coisa que não deveria existir no futebol. Principalmente no futebol moderno. Hoje, a primeira coisa que um jogador pensa é na destruição da jogada, e destruir é fácil, criar é que é difícil. Então, atualmente, dar um drible é muito difícil porque é grande o risco de você tomar uma pancada, levar um carrinho no tornozelo, quebrar o tornozelo, torcer o joelho. No futebol atual, o drible é uma coisa desnecessária” (Vasconcellos, 2010, p. 178).

Entre os usos e costumes do futebol, há alguns que não primam exatamente por características benevolentes nem conciliatórias, muito menos agregadoras. Se Zizinho chegou a considerar a piedade ao jogador italiano, vejamos como flui a avaliação psicológica de Didi:

“Nunca estudei psicologia, mas em campo era um psicólogo. Às vezes, olhava determinado jogador e sentia que tinha certa simpatia por mim. Ele me olhava, me namorava, então eu pensava: esse cara é meu fã! Não tinha dúvida em partir para cima do cara. Percebia que o cara era inferior, metia logo o rolo compressor. Em uma ou duas jogadas, ele ficava sem jeito, de perna trocada, e era assim que a gente levava vantagem” (Vasconcellos, 2010, p. 178).

EXCLUSIVAMENTE DIDI Continuemos com Didi e seu formidável estoque de exemplos da elevada cultura do futebol *pelo futebol*.

“Quando joguei no Real Madrid, na Espanha, treinava todos os dias no Santiago Bernabéu. Na arquibancada, havia uma rachadura que aumentava ou diminuía de acordo com a lotação do estádio. Por ela passava um vento forte. Treinando, eu chutava a um metro, um metro e meio fora do gol. O vento se encarregava de levar a bola para dentro. Eu batia com efeito, e com o vento a bola ia tomando um destino diferente. Eu não falava

nada para os meus companheiros de clube, nada. Um negócio meu. Quer dizer, eu descobri, eu treinava, me sacrificava, para quando surgisse a oportunidade, tentar tirar proveito daquilo.

Então veio um jogo contra o Sevilha, que era um time médio, e o zero a zero naquela circunstância era praticamente uma derrota. Um jogador da nossa equipe caiu na área e o juiz marcou pênalti. Eu pedi ao Puskas para bater. ‘Não, eu sou o artilheiro’, ele respondeu. O Puskas era um cara que pegava bem na bola, tinha uma perna esquerda certeira. Ele foi bater o pênalti e, infelizmente, o goleiro adivinhou o canto. A partir daí, o torcedor madrileno começou a jogar garrafas, latas de cerveja e chamar o Puskas de comunista.

O jogo continuou e o Di Stefano pegou uma bola e meteu para o Gento. Ele entrou pela linha de fundo e o zagueiro afastou para escanteio. O próprio Gento bateu o corner, o zagueiro Campanal devolveu de cabeça e a bola caiu na meia-lua, sob medida pra mim. Dominei no peito, o marcador veio para me dar uma pancada, mas abriu as pernas e eu acomodei a bola entre as pernas dele já me preparando para bater. Mirei mais ou menos um metro e meio para fora do gol. Eu sabia que ela ia entrar. Quando bati, e ela passou a um metro e meio, eu pensei, pô, entrou! O goleiro ficou olhando. Quando percebeu que a bola estava entrando, colocou as mãos na cabeça e correu na minha direção. Pensei: o cara vai me dar uma pancada, um soco. Por isso, pedi proteção aos meus companheiros. O goleiro vociferava: ‘Negro Didi, que a hecho?’ Falei: ‘no lo hecho, la pelota entró, pues!’.

Esse jogo nós ganhamos por um a zero” (Vasconcellos, 2010, p. 176).

Como se nota, Didi, reconhecido desde sempre pela privilegiada inteligência, mostrada frequentemente em apego à sagacidade e à obsessão pela excelência – sua fama o definia como jogador eminentemente cerebrino –, faria por merecer, com risco desprezível de aquecer alguma polêmica, o epíteto de “jogador de invenção”. Isso tanto pelo exemplo exposto nas suas confabulações com o vento quanto pelo que se apresenta a seguir, abordando mais uma de suas especialidades inesquecíveis.

“Eu vou explicar o que é a folha-seca. É um jeito muito difícil de bater na bola; o jogador tem que, digamos assim, ‘cortar’ a bola no meio. Tem de fazer muita força com a ponta dos dedos. Eu calçava 41, mas a

chuteira do pé direito era 40 – no esquerdo, usava minha numeração normal. Usava a chuteira bem justa para poder, com a pontinha dos dedos, com a unha mesmo, *cortar* a bola. Quando eu comecei a bater a folha-seca, eu batia com a chuteira normal, 41, e eu sentia que faltava alguma coisa. Foi aí que tive a ideia de procurar uma menor para o pé direito. Descobri que a chuteira do Zagallo era a que eu precisava, ele calçava 40 e, como era canhoto, a direita dele ficava sempre em bom estado. Toda vez que ele ia jogar o par velho no lixo, eu pegava o pé direito. Até o roupeiro tinha o maior carinho com o pé direito da chuteira dele porque sabia que viria, mais tarde, para mim” (Vasconcellos, 2010, p. 179).

O “psicólogo” que, menino, na cidade fluminense de Campos, onde nasceu, jogava suas peladas com bolas de meia fala agora de suas preferências e distinções:

“A menina dos meus olhos era o futebol do Jair Rosa Pinto. Queria sempre vê-lo jogar. O Jair batia na bola com muita força e efeito. A bola fazia curva e seus lançamentos eram de uma engenharia perfeita. Ele metia a bola onde queria. Era um jogador de muita personalidade, quando dominava uma bola no meio-campo e gritava para os caras irem, não havia dúvida de que os caras iam mesmo. O Jair foi um professor para mim. Admiro muito o Zizinho. Acho que foi o maior jogador de todos os tempos. Eu saía de Madureira para assistir aos jogos do Flamengo, na Gávea. Pegava um trem, depois um ônibus, só para ver o Zizinho jogar. Mas ele era diferente do Jair e de mim. O Zizinho era um jogador que tinha muita habilidade, muita força, mas levava o recado. O Jair e eu procurávamos lançar, nós não corríamos 38 metros para dar um passe de dois metros. Mandávamos nosso recado de 42, 43, 45 metros. O Zizinho, não. Ele carregava a bola” (Vasconcellos, 2010, p. 179).

Vejam como Didi é capaz de estabelecer uma dinastia que, no vocabulário dos torcedores mais experientes, diz respeito aos todo-poderosos donos do time:

“Depois que parei de jogar, procurei passar o bastão para o Gérson. Este, por sua vez, passou para o Rivellino, que foi o último dos moicanos do meio-campo, o último dos jogadores praticamente intocáveis. O jogador na posição que nós ocupamos, o Jajá Rosa Pinto,

o Gérson, o Rivellino e eu, todos nós, deve procurar impor respeito. O jogador que atua nesta posição tem responsabilidades, principalmente no bom tratamento com os companheiros. Temos que chamar a atenção no momento certo, procurar facilitar o papo, avisar que o companheiro está sozinho ou que a bola está a um metro dele. Desta forma, o companheiro tem a tranquilidade de olhar, dominar. Porque se você avisou e ele acredita em você, sente que está desmarcado e finaliza com facilidade. É difícil encontrar um jogador na atualidade que tenha toda essa visão e força mental para poder orientar os companheiros” (Vasconcellos, 2010, p. 181).

No entretítulo muito apropriadamente denominado “Siga o Mestre”, Didi dá contornos ao que se pode inferir como regra essencial de relacionamento dentro de campo, com ética e hierarquia características:

“No início da carreira do Pelé, o Jair Rosa Pinto foi o parceiro mais importante que ele teve. Havia um outro jogador na época, o Pagão, que era muito bom sem a bola, procurava sempre abrir espaços. Essa característica do Pagão possibilitava que o Jair fizesse lançamentos de trinta, quarenta, cinquenta metros para o Pelé finalizar. Nessa época, o Pelé fazia muitos gols. O Jair pegava, tocava e o Pelé botava pra dentro. Na Seleção, eu jogava com o Pelé, ele fazia tudo que me facilitasse e eu facilitava tudo o que podia para ele. Havia a minha postura, eu era o Didi. E eu gostava que todos me respeitassem porque eu respeitava a todos. Quando eu pedia, tinha de ser atendido, porque estava pedindo em benefício do Pelé e em benefício meu e do grupo. Quando não faziam o que eu pedia, reclamava com toda razão. Eu tinha uma bola de quarenta metros que era um risco. Se eu lançasse e determinado jogador não fosse na bola, ele me jogava às traças, me deixava mal. Eu dizia: ‘Porque se eu vou meter uma bola, vou procurar caprichar, não é fácil meter uma bola de quarenta, quarenta e cinco metros, com engenharia, tudo lá, perfeito para você e você não pica? Nesse caso, você me põe mal’.

Muitos jogadores faziam o gol e vinham me abraçar. Daí eu aproveitava e dizia: ‘Tá vendo, quando eu pedir, por favor, faça’. Ou então: ‘Quando eu pedir para picar, pica porque eu vou meter a bola’. Alguns diziam: ‘O Didi nunca está contente!’ Não é isso. Como não ficaria contente em meter uma bola de quarenta metros no peito do jogador, ele dominar e fazer o gol? Eu vibro

quando os companheiros fazem gol. Mas precisam me facilitar” (Vasconcellos, 2010, p. 181).

Em seguida, no entretítulo “A Campanha de 58”, a palavra de Didi alcança dimensão pedagógica. Ali se encontra, também, a descrição de sua famosa atitude após o gol inaugural da seleção sueca, na partida final do mundial:

“Quando fomos disputar a Copa de 58, saímos do Rio de Janeiro com a intenção de, na Europa, nos prepararmos antes da chegada à Suécia. Passamos pela Suíça e pela Itália. Na Itália, jogamos em Milão e em Florença. Enfrentamos a Internazionale, que sempre foi um clube importante, com bons jogadores – vários deles, inclusive, eram suecos, jogadores da seleção sueca. Na ocasião, ganhamos de 4 x 0 da Internazionale. Em Florença, também ganhamos de 4 x 0 a partida disputada. Ali, sentimos que o time estava bem acomodado com o Pelé, tinha mais fluência com ele. Era um jogador que voltava, dava uma certa cobertura para a gente no meio e finalizava com facilidade.

Chegamos à Suécia e começamos a treinar para sentir o ambiente do país, nos familiarizarmos com a região em que teríamos que viver durante quarenta, cinquenta dias. Ficamos em frente à concentração da União Soviética e assistíamos aos treinamentos deles: começavam às oito da manhã e às duas da tarde ainda treinavam, davam piques, pulavam, finalizavam. Tínhamos a impressão de que seria muito difícil enfrentá-los por causa do bom preparo físico deles. Diante da velocidade que eles mostravam ali, parecia impossível marcá-los. Mas, quando jogamos contra os russos, preocupados, acreditando que seria um jogo difícil, os nossos reflexos estavam melhores do que os deles, éramos mais rápidos, nossa cintura mais flexível. Havia também a maneira com que tocávamos a bola, nossa maneira de tratar a bola, tratar os companheiros. A obediência de um companheiro com o outro, no toque, no passe, sem que um desgastasse o outro. Então tudo isso contou para que liquidássemos o time russo. Depois desse jogo, sentimos que a nossa equipe era imbatível. Não havia maneira de ganhar da gente. A gente entrava em campo com muita confiança na vitória e isso nós adquirimos, chegávamos certos de que sairíamos vitoriosos. Na véspera da final contra os suecos, choveu muito e os jornais começaram a publicar que os brasileiros não estavam acostumados, não se davam bem jogando em campo pesado. Os suecos, muito honestos, cuida-

ram para que o campo ficasse protegido e o mais seco possível. Iniciado o jogo final, tomamos um gol logo no início. Eu senti, olhando para os companheiros, que aquele gol afastou um pouco o sangue da gente. Ficamos brancos dentro de campo. Eu vi aquilo e corri para pegar a bola. Lembrei imediatamente que o Botafogo havia passado, três ou quatro meses antes, pela Suécia e tínhamos metido no time contra o qual jogamos 4 x 1 ou 4 x 2. Mais da metade do time sueco que jogou contra o Botafogo estava em campo. Então a minha preocupação era pegar a bola, usar aquele tempo para que o Nilton Santos se lembrasse, o Garrincha se lembrasse, o Zagallo, para que todos se lembrassem que já havíamos passado por ali e vencido praticamente toda a seleção deles.

Eu queria usar aqueles segundos para que a torcida se tranquilizasse e nós recomeçassemos o jogo. Enquanto eu andava com a bola debaixo do braço, o juiz pedia que eu fosse mais rápido, mas eu fui devagar e pus a

bola no centro. Recomeçou o jogo, o Vavá me deu, eu meti para o Garrincha, que entrou e chutou. Bateu na trave e depois na rede pelo lado de fora. A torcida gritou gol e sentiu que a coisa começou a se equilibrar de novo. O próprio time retomou a sua normalidade. Logo em seguida, veio a jogada do Garrincha, 1 x 1, e eu disse: bom, agora a vaca vai para o brejo, porque agora tomamos as rédeas de novo. Terminou em goleada e fomos, pela primeira vez, campeões mundiais de futebol” (Vasconcellos, 2010, p. 182).

Aqui fizemos o registro que atesta a possibilidade de se entender o futebol pelo que é, em si mesmo, a despeito da sua inequívoca categoria de fenômeno social. Ativemo-nos a relatos de jogadores brasileiros e crônicas próximos à experiência que compartilhamos. Recuperamos memórias eloquentes de protagonistas e testemunhas de grandes batalhas. A mira dos faróis do nosso carro pode, finalmente, retomar a direção habitual.

BIBLIOGRAFIA

- AUGUSTO, Sérgio. *Botafogo – entre o Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.
- AZEVEDO, Aldo Antonio de. “Cultura, Ideologias e Tradições: Cenários da Cultura do Futebol no Brasil”. Apresentado no XXVII Encontro Anual Anpocs, 21 a 25 de outubro de 2003, Caxambu, MG. Grupo de Trabalho Esporte, Política e Cultura, 2003. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4162&Itemid=316.
- MARIO FILHO. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad, 1964.
- _____. *O Sapo de Arubinha – Os Anos de Sonho do Futebol Brasileiro*. Seleção de Ruy Castro. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- MILLIET FILHO, Raul. “Eric Hobsbawm e o Futebol (I)”. Blog do Raul Milliet Filho, 21/10/2012a. Disponível em: <http://blog.cev.org.br/raul/>.
- _____. “Eric Hobsbawm e o Futebol (II)”. Blog do Raul Milliet Filho, 9/11/2012b. Disponível em: <http://blog.cev.org.br/raul/>.
- PRADO, Décio de Almeida. “Tempo (e Espaço) no Futebol”, in *Revista USP*, Dossiê Tempo, n. 2, pp. 15-24, jun.-ago./89.
- RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das Chuteiras Imortais – Crônicas de Futebol*. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- VASCONCELLOS, Jorge (org.). *Recados da Bola – Depoimentos de Doze Mestres do Futebol Brasileiro*. São Paulo, Cosac Naify, 2010.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio – o Futebol e o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.